

Ana Girlene

Acompanhamos a jornalista por uma semana e falamos de carreira, infância, família e amigos.



Ela é elogiada como a jornalista revelação dos últimos anos, tem dois empregos.. Como Ana Girlene administra tudo isso sempre com sorriso no rosto?

São 17h30min de uma segunda-feira de fevereiro...

Dentro dos estúdios da Rádio Diário FM Ana Girlene está sentada com uma bermudinha jeans, blusa brilhosa cor marrom e sapatilha de lacinho preta. Está começando o programa Café com Notícia. Ela acerta as últimas pautas com sua equipe, sorridente, atenciosa e expondo sua opinião; arrancando sorrisos com suas piadas, sempre elogiada por suas “sacadas rápidas”. Aos 34 anos ela já é referência de radiojornalismo sério e imparcial no Amapá, é citada por grandes nomes do jornalismo como a principal revelação do jornalismo amapaense dos últimos anos. “Os jornalistas tem uma conduta, tem um código de ética a cumprir, eu acredito, o dia que não acreditar mais eu paro com a profissão de jornalista”, afirma a amapaense.

Infância e Adolescência

Nascida no município de Macapá, às margens do Rio Amazonas, criada no município de Monte Dourado, Ana começou a estudar cedo, teve acesso a todas as modalidades esportivas, estudou inglês, jazz, e fez por vários anos voleibol. Seu pai era mineiro e veio de Minas Gerais para trabalhar na Jari

Celulose. Sua infância foi em uma sociedade de filhos de trabalhadores da empresa que seu pai trabalhava, “minha infância foi muito feliz! O fato de eu ter convivido em uma comunidade estruturada - porque Monte Dourado abrigava os filhos dos funcionários da Cejari -, me fez ser uma pessoa privilegiada.” Ela foi crescendo mas sempre guardando as lembranças da sua cidade natal, do clube chamado Jariloca e dos esportes que praticou quando criança e adolescente. Já pensando que queria ser jornalista ou advogada, desde muito cedo Ana Girlene circulava em redações e rádios, nesse período ainda não era Ana Girlene. Era Ana Girlene Dias de Oliveira, tinha 15 anos. Um de seus tios trabalhava com jornal. “Eu aprendi com ele minhas primeiras movimentações de jornalista, primeiro tive uma página social, depois ganhei uma de esporte, depois outra policial”. Foi nesse período que ela se envolveu com movimentos estudantis e contou que ficou indecisa entre seguir na vida política ou jornalística, que eram ambas suas paixões.

A lembrança mais triste da adolescência foi à morte de seu pai: “meu pai morreu quando eu era muito jovem, tinha 16 anos; morreu tragicamente, ele tinha 40 anos, foi um acidente de trabalho, e ele morreu no momento que eu ia entrar na minha juventude, no momento que eu ia dialogar com ele meus dilemas e tal. Eu tenho muito do meu pai, fisicamente, emocionalmente, eu me enxergo muito nele, então a perda dele foi o momento mais difícil da minha vida até hoje”.

No meio de sua dúvida, surgiu à oportunidade de fazer uma faculdade privada. Ana tinha 18 para 19 anos e veio para o Amapá fazer Jornalismo na Faculdade Seama. Sua primeira faculdade foi um sucesso, conseguiu trabalho em assessoria de imprensa e se sustentou com isso por muito tempo.

O Café com Notícia

Junto com Márcia Corrêa, em 2009 Ana estreou o Programa Café com Notícia. Estava sendo seu primeiro trabalho de jornalista formada. Com seis anos atuando diretamente na profissão, fez amigos, se destacou e teve reconhecimento pelo seu trabalho. Muito elogiada pela genialidade, imparcialidade, capacidade de improvisar ela tem uma multidão de admiradores e centenas de seguidores no twitter. Isso é explicado pela atenção que ela dá a todos com quem conversa ou entrevista.

Seu operador de áudio desde o primeiro programa, Antônio Vasconcelos, quem ela chama carinhosamente de Tony, diz que a chefe e amiga é uma pessoa de personalidade forte, muito companheira, compreensiva, não guarda mágoas e o que tem pra falar ela fala mesmo. “É uma virtude dela, saber dar bronca, cobrar trabalho sem ofender, isso é importante, ela sabe diferenciar o profissional do pessoal sendo sempre muito espontânea. Outra coisa é que ela é engraçada, quase todas às vezes que vamos para o intervalo ela pergunta se dá tempo de fumar um cigarrinho ou fazer um pipizinho”. Tony sempre diz a ela

para parar de fumar, e ela sempre responde: “eu vou deixar, um dia eu deixo”. Mas segundo ele, esse vício ela não larga nunca.

Profissões

Mulher de muitas surpresas, ela também é policial civil. A profissão nunca foi um sonho para ela, mas sempre respeitou os profissionais da área. “Confesso que ser policial foi uma necessidade de eu ter uma tranquilidade minimamente financeira”, ela conta que a profissão é desvalorizada e que as condições de trabalho são muito ruins.

Sobre a carreira jornalística, ela sempre quis fazer jornalismo sério e de qualidade. O momento mais difícil da carreira foi quando seu programa saiu do ar: “Foi uma grande rasteira ser tirada do ar sem aviso prévio, sem respeito nenhum, depois de cinco anos trabalhando na mesma emissora, eu senti o peso da política no Amapá e como a gente tá vulnerável e suscetível aos interesses da empresa muito mais do que a liberdade de imprensa”. Conta também que já teve problemas com pautas, e que inclusive teve que cancelar algumas por causa de forças maiores. “Uma coisa que nunca me vi fazendo nessa carreira é puxar saco de político, ser sensacionalista, o desrespeito com a notícia, daquele jornalismo do 'disse me disse', e aquele jornalismo que pega uma pessoa para destruir a imagem dela de forma irresponsável, eu espero em Deus nunca ser traída pelas minhas convicções”.

Lamenta pela decisão do STF da não exigência do diploma e reclama: “não temos piso salarial, pagam um salário difícil para os profissionais se manterem e essa decisão desvaloriza nossa profissão”. Essa postura dela é destacada por sua amiga Graziela Miranda: “a Girlene é uma pessoa muito combativa e antenada”. A amiga destaca que ela é muito parceira, foi no momento mais difícil da vida de Graziela que Ana a ajudou. Graziela tinha acabado de se formar e precisava de um emprego, conhecia e gostava do Café com Notícia, pediu o emprego e ela disse que não tinha como pagar, mas ela poderia trabalhar por patrocínio se conseguisse. Ela começou a trabalhar e se tornaram amigas.

“Tem gente que é muito lenta, tem um problema, vira estresse e acaba o programa, a Ana é muito rápida, onde às vezes tem problema ela vê oportunidade e sempre sabe se sair dessas situações”. Eu, escrevendo assim, parece que a Ana Girlene é uma pessoa séria; e é séria sim! Mas também é muito conhecida pelo seu lado engraçado. A amiga destaca uma lembrança engraçada que tem dela. “Uma vez no estúdio, tinha um dentista de fora, que veio divulgar um evento que ia ter aqui em Macapá, e estava ela e a Márcia Corrêa lá na rádio Tarumã, ainda era lá o programa. E aí apareceu uma barata, e o entrevistado era um gato, lindo, lindo, a Márcia Corrêa se assustou, pediu pra cortar o programa e saiu, o entrevistado matou a barata e a Ana narrou

tudo no ar e depois pediu desculpas... rimos juntos da situação”. Por essas e outras situações que ela é também conhecida pelo seu humor.

Família

A família adora suas profissões. “Eu percebo que eu tenho um fã clube dentro de casa, muito legal isso, da parte da mãe, pelos irmãos, pelos tios, eu fui conquistando isso. Eles tinham muita preocupação, porque o jornalismo dá a preocupação do dinheiro, de não ser uma profissão muito rentável, e até o fato de eu ter feito um concurso público foi uma forma de tranquilizar minha família, eu sinto assim, eles me apóiam muito”.

Ana se considera muito perseverante e impulsiva. Vem de uma família pequena. Seus pais mineiros tiveram três filhos. “Uma irmã mais jovem caçula, eu do meio, e irmão do meio é aquela tristeza, nem é mais velho pra ter responsabilidade, nem mais novo pra ter regalias, eu já falei pra mamãe, irmão do meio nem fede nem cheira (depois disso ela sorriu de si), e meu irmão mais velho que mora em Minas, que é um fanzão e está sempre acompanhando o programa; que é alguém que eu tenho uma afinidade muito grande e que é quase da minha idade.

Ela nos conta que devido sua família ser pequena eles são muito unidos: “eu dialogo muito com meu irmão, e quando meu pai morreu meu irmão acabou indo embora pra Minas, então eu tinha 16 e ele 17, ele foi embora e não voltou mais. Fez faculdade, se formou, fez mestrado, constituiu família, nos deu nossa única criança em casa, minha sobrinha e afilhada Beatriz. A distância geográfica nos afastou mas a gente compensa isso com nossos encontros anuais e com a relação frequente por telefone.

Entre Girlene e sua irmã caçula tem uma diferença de quase 7 anos. “Hoje a gente já consegue dialogar como adultas, eu tenho 34 ela 26, mas na juventude , enquanto ela tinha seis anos eu tinha quinze. Ela era uma pentelha então não batia”. Ana ri novamente de seu jeito de falar. Mas confirma que hoje ela e sua irmã tem relação muito próxima, “Ana Maria é uma mãe e pai”.

Quando perguntei a ela sobre filho ela respondeu simplesmente “não tenho”.

Amigos e relacionamentos

Ao ser perguntada sobre seu estado civil ela comenta soltando risos: “assim formalmente, nos termos da igreja católica e do registro civil não sou casada não!” Mas deixa em aberto quem seria essa pessoa, não entra em detalhes e espera minha próxima pergunta.

A amiga, Ilziane Laoné, diz que ela é muito ágil, divertida e sabe improvisar. “A Ana além de fazer piada, solta pérolas, é muito divertida”, Ilziane conta um segredo da amiga, que Ana “tenta mas não consegue ser um pouco mais

rigorosa em algumas coisas, mas ela sabe se comunicar muito bem mesmo". Além disso, a amiga diz que ela é muito humilde e bem humorada.

"Sou muito brincalhona com meus amigos, falo muito em gírias quando me encontro com eles, eu acredito que as pessoas têm uma imagem muito séria de mim, diferente do que eu sou, eu sou muito informal, chamo muito palavrão, me irrita muito fácil", conta Ana Girlene.

Os amigos da jornalista reclamam do seu vício de fumar. Durante a entrevista, ao ser perguntada sobre isso, ela diz: "Tô até fumando aqui enquanto tô dando entrevista, é um absurdo isso!" Finaliza rindo e dando uma tragada no seu cigarro, indo em direção à saída dos estúdios da rádio.

Cássia Hellen

Acadêmica do segundo semestre do curso de Jornalismo na Universidade Federal do Amapá.

Perfil produzido para a disciplina de Mídia Impressa ministrada pela prof. Roberta Scheibe

Macapá/AP, março de 2013.